

“ Pesquisas sobre o xadrez no âmbito da psicologia: Há ressonâncias nos métodos de treinamento enxadrístico?

▮ Edelvan Marques **Rosa**
UEMG

▮ Flávio Rocha **Juliani**
UEMG

▮ Márcio Moterani **Swerts**
USF/SP

▮ Rogério de Melo **Grillo**
PPGECT – UFSC

RESUMO

O escopo do presente texto é realizar um estudo comparativo, analisando as pesquisas concretizadas com o xadrez no âmbito da Psicologia e uma proximidade com metodologias de treinamento enxadrístico. Para tanto, aplicou-se o método da pesquisa bibliográfica, por meio da leitura e análise de fontes secundárias, que permitiu compilar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas sobre tal temática. Entrementes, este estudo não é resultado de uma simples descrição no campo da pesquisa bibliográfica. Para além disso, fez-se um estudo comparativo por intermédio da relação entre pesquisas sobre o Xadrez no contexto da Psicologia e suas possíveis ressonâncias em três métodos clássicos de treinamento enxadrístico. Destarte, elaborou-se um recorte temporal, encetando-se com a pesquisa de Binet (1894) até a pesquisa de Chase e Simon em 1973. Os resultados indicam que existe uma escassez de estudos que investiguem as bases teóricas dos principais métodos de treinamento enxadrístico. Por este motivo, este artigo, dentro de suas limitações, permite constatar é importante realizar mais estudos com vistas a compreender que as pesquisas, no contexto da Psicologia, podem contribuir na construção de métodos de treinamento no xadrez. Constatou-se igualmente que estas pesquisas forneceram dados substanciais que expõem desde as debilidades e habilidades necessárias de um enxadrista até mesmo as diferenças entre linhas teóricas de estratégia e tática, perpassando pela importância da concentração, a capacidade de antecipação de jogadas e a capacidade de realizar cálculos de variantes. Entende-se que estes resultados pode auxiliar na construção e/ou na revisão de métodos de treinamento enxadrístico.

Palavras-chave: Xadrez, Métodos de Treinamento Enxadrístico, Psicologia.

INTRODUÇÃO

No final do século XIX e início do XX, houve o advento do Xadrez por meio dos campeonatos mundiais de 1886 a 1926. Em paralelo, começaram as pesquisas na área da Psicologia com o Xadrez, especialmente os estudos de Binet (1894) e Cleveland (1907).

Em 1924 com a institucionalização do Xadrez, por meio da criação da FIDE (Federação Internacional de Xadrez), surgiram um dos primeiros teóricos a criar uma metodologia para o treinamento desportivo do xadrez, Nimzowitsch. Desde então, o xadrez começou a se popularizar com os diversos campeonatos e com a organização das Olimpíadas de Xadrez.

Nesta mesma época de consolidação da FIDE, as pesquisas concernentes ao xadrez e sua relação com a inteligência humana começaram a se intensificar, por exemplo, a pesquisa de Diakov, Pietrovski e Rudik em 1926. Alguns desses estudos colocaram em xeque as formas que se pensavam estrategicamente um grande mestre, quais habilidades/competências seriam necessárias para se jogar e, por fim, quais capacidades deveriam ser treinadas para se tornar um grande jogador.

Após a década de 1950, inicia-se a época da Guerra Fria e o surgimento de grandes mestres soviéticos como Tal, Smyslov, Petrosian e Spassky que, por sua vez, reinaram no cenário mundial até o início da década de 1970. Esse fator corroborou ainda mais para a acirrada disputa entre os Estados Unidos da América (EUA) e a extinta União Soviética (URSS), disputa essa, explícita também nos Jogos Olímpicos. *Pari passu*, intensificaram os estudos no campo da Psicologia usando o Xadrez como objeto de estudo. Nesse período, surge o método de Kotov que perdura como o melhor método até a consolidação da metodologia de Dvoretsky na década de 1990.

Em vista disto, o objetivo do presente artigo é “realizar um estudo comparativo, analisando as pesquisas concretizadas com o xadrez no âmbito da Psicologia e uma proximidade com metodologias de treinamento enxadrístico”.

Para tal, realizou-se uma pesquisa bibliográfica como metodologia. É fulcral dizer que a pesquisa bibliográfica (fontes secundárias), trata-se de um levantamento bibliográfico já publicado, em forma de: livros, periódicos (online), publicações avulsas, teses, imprensa escrita (revistas ou anais de eventos). Destarte, são arquivos que permitem colocar o pesquisador em contato direto com o que foi produzido sobre uma determinada temática, consentindo, assim, a manipulação de informações e a comparação entre dados coletados na pesquisa de campo e o que já foi produzido (MARCONI; LAKATOS, 2012).

Vale ressaltar que este estudo não é fruto de uma simples descrição no campo da pesquisa bibliográfica. Pelo contrário, fez-se um estudo comparativo levantando pesquisas sobre o Xadrez no contexto da Psicologia e analisando as ressonâncias destas na consolidação de três métodos clássicos de treinamento enxadrístico. Com isso, fizemos um recorte

temporal, encetando-se com a pesquisa de Binet (1894) à pesquisa de Chase e Simon em 1973. Embora haja outras pesquisas que extrapolam este recorte temporal, selecionamos estudos que exerceram influência na concretização de três métodos de treinamento enxadrístico: método de Aaron Nimzowitsch, método de Alexander Kotov, método de Mark Dvoretsky.

Depreendemos que há evidências que mostram que pesquisas selecionadas ressoaram indiretamente na construção de três dos principais métodos de treinamento enxadrístico, que foram por nós selecionados. Ademais, depreendemos que estes três métodos são muito aplicados por treinadores de Xadrez, Grandes Mestres, jogadores amadores, candidatos a mestres e iniciantes. Reportamo-nos a autores como Filguth (2007), Shenk (2008), Batista e Borges (2004, 2013) e Kasparov (1997), para justificar tal escolha, dado que estes citam frequentemente estes métodos em seus livros como modelos de treinamento enxadrístico.

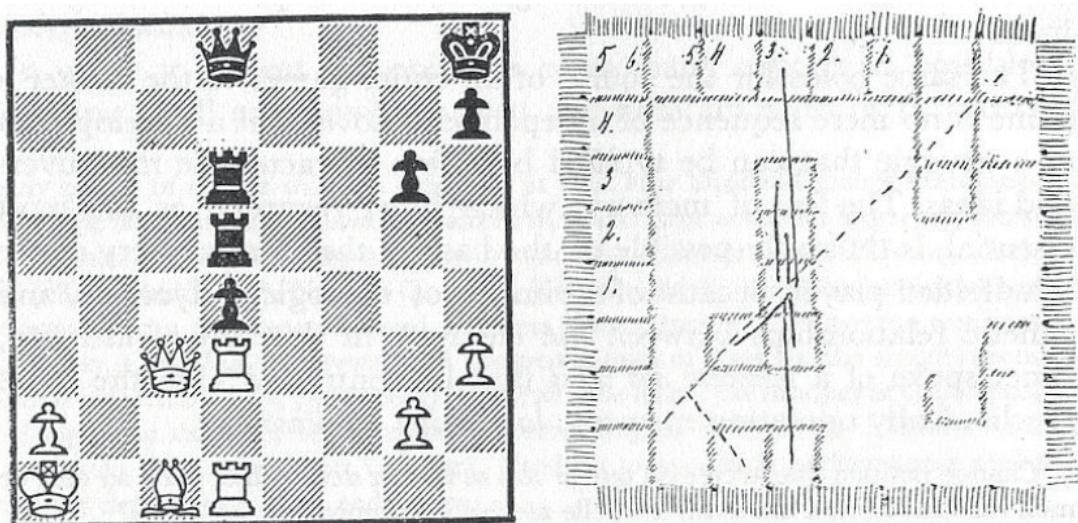
AS PRINCIPAIS PESQUISAS SOBRE XADREZ NA PSICOLOGIA

A primeira investigação científica atinente ao Xadrez e que teve grande repercussão foi a do psicólogo francês Alfred Binet, conhecido pelos seus testes de inteligência com Simon. Realizada em 1894, a sua pesquisa, intitulada de *“Psychologie des Grands Calculateurs et Joueurs d’Echecs”*, tinha como escopo observar enxadristas jogando às cegas, visando analisar à memória lógica, à espacialidade e à tomada de decisões, sendo essa uma parte de seus estudos relativos à inteligência humana. Para a realização dessa pesquisa, o psicólogo utilizou como sujeitos, grandes mestres do Xadrez como: Stanislaus Sittenfeld, Alphonse Goetz, Siegbert Tarrasch e Samuel Rosenthal. Em seu laboratório, Binet inquiriu-os acerca das minúcias referentes ao que “observavam” durante uma partida às cegas.

Para Binet (1894), os enxadristas partiam de uma prestigiosa memória visual, na qual fundamentava em uma espécie de recordação fotográfica. Ademais, para ele o enxadrista, no Xadrez às Cegas, somente era bem-sucedido em função de a cooptação da memória visual quanto a outros fatores como: resistência física, concentração, escolaridade e imaginação.

A seguir, um dos dados da sua pesquisa, representada pela figura 1, em que é demonstrada uma posição de jogo, relativo à uma partida do mestre Stanislaus Sittenfeld e ao lado (direito), seu registro escrito representando a posição que ele “observava” em sua mente.

FIGURA 1. Posição das peças por Sittenfeld



FONTE: Binet (1894, p. 300-301).

De acordo com Puchkin (1976), a tese de A. Binet é muito válida por consistir em estabelecer correlações entre a memória e o raciocínio lógico, na atividade criadora. Ora, “não é possível, nem mesmo aproximadamente, comparar o grau de talento mental de dois grandes escritores ou cientistas, ao passo que, no xadrez essa comparação é viável através do jogo” (PUCHKIN, 1976, p. 51).

Binet (1894) conclui em seus estudos que quanto mais jogos o enxadrista estiver envolvido, maior será sua capacidade de representação abstrata do jogo. Sua pesquisa propõe que a memória verbal, visual e espacial são partes integrantes dos jogos às cegas, dessa maneira, há a necessidade de estabelecer um plano real de jogo para cada partida.

Finalizando, Binet (1894) conclui que o jogo de xadrez com olhos vendados contém tudo: poder de concentração, nível de instrução, memória visual, para não mencionar também a competência estratégica, a paciência, a coragem, a tomada de decisões, dentre outras faculdades intelectuais. Por esta razão, oferece uma base de treinamento para o xadrez convencional, por tratar justamente desse conjunto de habilidades e competências.

Ulteriormente à pesquisa de Binet, surgiu um artigo contendo um pouco mais que 30 páginas, publicado em 1907, na *The American Journal of Psychology*. Este trabalho de autoria de Alfred Cleveland, sob o título de “*The psychology of chess and of learning to play it*”, tem como objetivo analisar o jogo de Xadrez e suas formas de aprendizagem. Seu estudo buscou identificar a importância de unidades complexas em um jogo de alto nível. Por sua vez, os resultados deste estudo contribuíram para se analisar quais habilidades intelectuais estavam ligadas às habilidades do Xadrez.

Buscando estruturar o desenvolvimento de habilidades no Xadrez, Cleveland (1907) definem cinco estágios relativos à essa ideia:

- Fase inicial: aprendizado do nome e movimentos das peças;
- Movimentos individuais: ataque e defesa de forma aleatória, objetivando capturar peças;
- Relação entre as peças: valor dos grupos e valor de peças individuais;
- Desenvolvimento sistemático: competência de planejar de forma consciente o desenvolvimento das peças, antecipar jogadas, levantar hipóteses;
- Alcance do sentido posicional: resultado da experiência em valorar diferentes posições, elaborar sacrifícios, trocas para ganho posicional.

No referido estudo, Cleveland (1907) demonstra que os dois últimos estágios representam a fase de treinamento específico, ou seja, do jogar com competência, dado que envolve situações de planejamento, desenvolvimento do jogo, domínio espacial e antecipação de jogadas.

Seu estudo conclui que:

Our conclusions from the study of this case must be, it seems to me, that chess skill is not an index of general intelligence, that the reasoning involved in chess playing is reasoning within very narrow limits, and that a considerable degree of chess skill is possible to one who is mentally deficient in almost every other line (CLEVELAND, 1907, p. 308).

Em suma, Cleveland assevera com sua pesquisa que as habilidades atinentes ao jogo de Xadrez não se abreviam, exclusivamente, a inteligência no sentido elaborado por testes de QI. Em outros termos, rechaça a premissa que reconhece o jogo de Xadrez como uma atividade praticada apenas por pessoas com elevado grau de inteligência e bom rendimento acadêmico.

Em 1925, Moscou sediou um importante torneio de Xadrez, no qual contou com a participação dos maiores enxadristas do mundo, tais como: o campeão mundial na época J. Capablanca (Cuba), o último campeão E. Lasker (Alemanha), e, enfim, o vencedor do certame Yefim Bogolyubov (Rússia). Oito jogadores desse campeonato foram submetidos à exames psicológicos e, por conseguinte, seus resultados apareceram no trabalho de três psicólogos russos, I. N. Diakov, N. V. Pietrovski e P. A. Rudik, ambos provenientes da Universidade de Moscou (DE GROOT, 1978; PUCHKIN, 1976; KROGIUS, 1976).

Esta pesquisa, intitulada de “A Psicologia do Jogo de Xadrez” (tradução em português), foi publicada em 1926 e teve como fito analisar as principais características referentes à atividade psíquica dos enxadristas analisados. Para tanto, utilizou-se de vários métodos psicológicos que possibilitaram registrar o nível de percepção, memória, atividade mental, imaginação e atenção (DE GROOT, 1978; PUCHKIN, 1976).

Os resultados obtidos foram comparados com os de pessoas não enxadristas, uma vez que os três psicólogos buscavam uma forma de explicar quais funções e habilidades psíquicas estão associadas ao talento dos enxadristas. Puchkin (1976), ao analisar o resultado do referido estudo, explana que eles conseguiram verificar que os enxadristas são muito superiores a população geral, no que se diz respeito à memória, atenção distribuída, imaginação e pensamento lógico. Entrementes, tais habilidades/competências não são herdadas, mas, adquiridas por via de intenso treinamento e dedicação.

No mais, Puchkin (1976, p. 52) descreve que:

O exame comprovou que, em ponto algum, os enxadristas demonstravam possuir qualquer capacidade peculiar que os diferenciasse das demais pessoas. [...] Esses famosos enxadristas não possuíam qualquer tipo de memória extraordinária e peculiar, nem, quanto a isso, se diferenciavam dos não-enxadristas. Suas habilidades resultam de treinamento específico.

De Groot (1978), em sua tese a respeito de o xadrez, analisa que estes três psicólogos russos chegaram à conclusão de que um mestre de xadrez deve reunir um conjunto variado e amplamente desenvolvido qualidades, sendo algumas inatas, contudo, outras desenvolvidas, sobretudo, com a experiência adquirida em partidas e torneios, além de muito treinamento.

Puchkin (1976) faz menção a uma pesquisa realizada por Benjamin M. Blumenfeld, um mestre enxadrista russo e assistente de ciências pedagógicas de Psicologia na Universidade de Moscou. Seu trabalho de caráter monográfico, intitulado de “A característica do Raciocínio Prático-Real” em 1934, teve por finalidade analisar a percepção de enxadristas russo acerca da elaboração das estratégias de jogo, durante uma partida de alto nível. Sua pesquisa foi considerada relevante na visão de Puchkin (1976) e de Groot (1978), visto que propiciou duas discussões substanciais a propósito de formas de treinamento. A primeira versa sobre as ideias práticas existentes nas mentes dos enxadristas. A segunda propende à discussão respeitante ao cálculo dos lances e à visão de jogo.

Em 1946, o psicólogo, matemático e enxadrista holandês, Adriaan De Groot, realizou uma pesquisa (doutoramento na Universidade de Haia), que levou o título de “*Thought and Choice in Chess*”. O objetivo desse trabalho era investigar a habilidade, a velocidade, a estilística e a articulação entre quatro distintos níveis de jogadores (de grandes mestres a iniciantes). Em uma de suas análises, o psicólogo holandês analisou que os grandes mestres e mestres conseguiam de recordar 93% das peças em situações de jogo (lances). Já os jogadores candidatos a mestres conseguiam lembrar de aproximadamente 70% dos lances, enfim, os jogadores iniciantes (ou amadores) somente de 51%.

Em linhas gerais, esta pesquisa chocou o mundo da ciência cognitiva, ao observar que a quantidade e a velocidade dos cálculos de grandes jogadores (mestres), não são muito

maiores do que as de jogadores comuns como se pressupunha. Outro ponto importante, do seu estudo, foi constatar que os grandes enxadristas conseguem reconhecer um maior número de padrões com maior rapidez. Ademais, obtêm cálculos de lances mais relevantes, corroborando para a antecipação de jogadas e tomada de decisões. Todavia, não possuem uma memória superior para dados não-processados (SILVA, 2010).

Silva (2010) infere que De Groot contribuiu para a criação da “Ciência Cognitiva”, além de fornecer subsídios teóricos para estudos referentes à memória e ao treinamento de enxadristas, sobretudo, proporcionando dados que permitem explorar o processo de memória, generalização, motivação e pensamento esquemático.

Vinte anos após a pesquisa do holandês De Groot, os soviéticos O. K. Tikhomirov e E. D. Poznyanskaya, realizam um estudo intitulado de “*An investigation of visual search as a means of analyzing heuristics*”, publicado na *Soviet Psychology*, 1966.

A referida pesquisa incidiu na investigação por meio de videogravação do movimento dos olhos de um jogador de Xadrez (mestre), durante a escolha de um lance em uma partida. Desse modo, de acordo com os pesquisadores, foi possível delinear um plano atinente à ordem das casas do tabuleiro, averiguadas pelo enxadrista, como também, examinar o tempo despendido pelo jogador de Xadrez, em cada casa (TIKHOMIROV; POZNYANSKAYA, 1966).

A pesquisa destes dois russos contribuiu, posteriormente, para os estudos de Herbert Simon e M. Barenfeld (1969), que produziram um programa de computador, chamado de PERCEIVER (SILVA, 2010).

Com o uso desse programa, testaram as hipóteses levantadas pelos seus predecessores soviéticos. Subsequente a este estudo, William Chase e Herbert Simon, psicólogos da “Universidade de Carnegie Mellon”, realizaram uma pesquisa, no ano de 1973 que culminou em um artigo intitulado de “*Perception in Chess*”.

Neste trabalho, os pesquisadores propuseram-se a testar a memória dos jogadores de xadrez, diante posições de partidas perante posições aleatórias. Concluíram que os jogadores com maior nível de jogo (segundo um *ranking*) são capazes de utilizar de algum tipo de fracionamento, ou comparação de padrões, que facilitam codificar rapidamente uma posição de jogo (CHASE; SIMON, 1973).

Findamos esta seção, analisando que esse conjunto de pesquisas desenvolvidas com o Xadrez no âmbito da Psicologia, em síntese, poderiam ajudar como fundamento para, pelo menos, alguns métodos de treinamento em Xadrez. Na seção seguinte, analisaremos os métodos de Aaron Nimzowitsch, Mark Dvoretsky e Alexander Kotov que, segundo Batista e Borges (2004, 2013), Kasparov (1997) e Filguth (2007), são, quiçá, os métodos mais completos em todos dos fundamentos do Xadrez.

HÁ RESSONÂNCIAS DAS PESQUISAS SOBRE XADREZ NOS MÉTODOS DE TREINAMENTO ENXADRÍSTICO?

Encetamos esta seção discutindo o método de Aaron Nimzowitsch publicado em sua obra máxima “*My System*”, publicado em 1925 em alemão e traduzido em diversas línguas (incluindo o português). Essa obra fundou a Escola Hipermoderna de Xadrez, em que seu escopo é o estudo teórico do jogo, por intermédio da análise de partidas de grandes mestres, no entanto, focando em três pilares: centralização ou domínio do centro, construir bloqueios (estrutura das peças, em especial, de peões) e estudos dos elementos básicos para a estratégia (peão passado, coluna aberta, peça cravada, sacrifícios).

Embora Nimzowitsch (2007), em seu livro, não faça alusão à importância de os estudos no campo da psicologia, podemos entender que alguns elementos do xadrez, sobretudo, no que corresponde ao treinamento de certas habilidades essenciais ao jogo, como: memorização, resolução de problemas, raciocínio lógico e planejamento, presentes em seu livro, foram analisados em algumas pesquisas da época. Dentre estes estudos, temos A. Binet e A. Cleveland como subsídios teóricos, que poderiam, na época, subsidiar estudos e treinos, focando na memória lógica e espacial no jogo, na antecipação de jogadas do adversário e, mormente, na possibilidade de elaboração de exercícios de estudo de finais e preparação para torneios.

Analisando o método criado por Nimzowitsch (2007), podemos inferir que os estudos no bojo da Psicologia, quiçá, poderiam corroborar para seu método, tanto com o jogador, quanto ao treinador de Xadrez. Ora, é precípua observar o xadrez por um viés de métodos teóricos, concatenado à uma perspectiva prática, em que o método somente alcançará êxito se o jogador possuir um conjunto de habilidades e competências psíquicas (concentração, raciocínio lógico e estratégico, memória, antecipação) e afetivas (motivação e paciência). E, para tal, todo o treinamento deve ser perpassado por exercícios específicos em diferentes situações de jogo (prática de jogo).

O segundo método a ser analisado trata-se do criado por Alexander Kotov. Em seus três livros “*Think like a Grandmaster*” (1971), “*Play like a Grandmaster*” (1978) e “*Train like a Grandmaster*” (1981), Kotov inspirou a criação do chamado método dos seis pilares do xadrez (Final de jogo, Tática, Estratégia, Cálculo/Análise, Meio-Jogo e Abertura), desenvolvido pelo enxadrista mineiro Gérson P. Batista.

Esse método foi readaptado no contexto brasileiro, pelo supracitado enxadrista mineiro, Mestre Nacional, campeão mineiro e que foi treinador de mestres como Evandro Barbosa (Grande Mestre) e João Paulo Casimiro, além de já ter sido auxiliar técnico da seleção brasileira de xadrez.

Em linhas gerais, o método de Kotov se baseia, mormente, nos princípios de estratégia, tática e análise de jogo como a possibilidade de se calcular variantes em uma partida. Princípios que, naquela época, não eram ressaltados, posto que o método que os grandes mestres e jogadores de vários níveis usavam, visando ao treinamento e preparação para torneios, eram fundamentados no método Nimzowitsch. Para Kotov, a estratégia era a base teórica traçada pelo jogador para uma partida desde a sua abertura. Já a tática concerne ao conjunto de jogadas que orientam a condução do plano de jogo (FILGUTH, 2007).

No tocante à construção da estratégia e ao uso da tática, seu método de treinamento consiste em analisar: a posição dos reis, a superioridade material, a presença de um peão passado, os peões fracos, as casas fracas, a debilidade periférica, os blocos de peões, o centro de peões sólidos, a vantagem do par de bispos, a posse de uma coluna aberta, o domínio de uma diagonal aberta, o domínio de uma horizontal, cravada e descravada de peças, peças sobrecarregadas, interferências de linhas, ataque duplo e xeque-descoberto, abertura de linhas (KOTOV, 1971, 1978, 1981).

Ao analisarmos o método de Kotov (1971, 1978, 1981), alguns estudos no campo da psicologia poderiam ter corroborado com as teorizações alvitadas em seu método, tais como, as pesquisas de Benjamin M. Blumenfeld em 1934, de A. De Groot em 1946, de O. K. Tikhomirov e E. D. Poznyanskaya em 1966. Em resumo, estas pesquisas poderiam ampliar discussões a respeito do que Kotov e Gérson P. Batista chamaram árvore do cálculo. Vejamos, no bojo de cada um dos seis pilares já explicitados, é essencial dar ênfase a chamada “árvore do cálculo” (ou “árvore da análise”, ou ainda “árvore de Kotov”). Há três tipos de cálculo/análise: tronco, arbusto e ramagem. “Tronco” é o cálculo com uma só variante, “Arbusto” é o cálculo de variantes que tem um ou dois lances, “Ramagem” é o cálculo complexo, contendo grande quantidade de variantes extensas (hipóteses de jogadas).

Precipuamente, a ideia central é focar todo o treinamento na ampliação da análise de jogo pelo jogador, uma vez que, dominando esta competência, um jogador pode melhorar sua capacidade de desenvolver a abertura, meio-jogo, final, linhas de estratégia e tática.

O que se pode analisar é que Kotov (1971, 1978, 1981), talvez tenha analisado não tão-apenas o desempenho de grandes mestres, mas, igualmente, estudos realizados no campo da Psicologia que foram supracitados, com vistas a entender quais eram as principais debilidades que jogadores mestres possuíam quando jogavam. Nesse contexto, ainda que Kotov não faça alusões aos estudos e pesquisas referenciados, ele chega à conclusão de que o problema estava na falta de treinamento quanto às variantes, ou seja, a capacidade de o jogador analisar situações de jogo sob diferentes ângulos, levantando distintas hipóteses de jogadas e tomando uma decisão mais acertada.

No mais, pode-se observar que seu método tem proximidades com alguns dos referidos estudos no âmbito da Psicologia, que identificaram, em seus resultados, que os maiores problemas que os enxadristas possuíam remetiam à capacidade de cálculo dos lances, visão de jogo (estratégia e linha teórica) e resolução de problemas em situações temporárias (tática).

O último método a ser analisado trata-se do criado pelo treinador russo Mark Dvoretsky nos anos de 1980 e 1990. Publicou os clássicos “*School of Chess Excellence*” (5 volumes, 2002) e “*Endgame Manual*” (2003). Conquanto estas obras tenham sido publicadas na década de 2000, seu método foi criado na década de 1980 e influenciou diretamente o treinamento as irmãs Polgar. Ademais, chegou a treinar os Grandes Mestres Kasparov, Anand, Topalov, Bareev, Svidler, Lautier, Van Wely, Sadle, entre outros.

Em seu método, há certa adjacência com a pesquisa de Chase e Simon realizada nos anos de 1973, já que é um estudo que se aprofunda na ideia dos padrões e da memória visual, concernente às habilidades dos mestres enxadristas e no cálculo de variações de jogo.

Nos seus livros, Dvoretsky (2002, 2003) enfoca em variados tópicos do jogo, tal qual Kotov e Nimzowitsch, todavia, o fito é desenvolver o processo de tomada decisões. Ele salienta também que o conhecimento da teoria das aberturas não é o único determinante no treinamento. O principal é desenvolver em seus alunos as habilidades de saber resolver problemas de jogo, de entender situações de meio-jogo por meio do estudo e cálculos (levantar hipóteses). O uso do computador na elaboração de problemas de jogo simulados para cada fase da partida e, sobretudo, o treinamento psicológico, ou seja, práticas de meditação, concentração, saber reagir diante da derrota ou vitória, saber refletir sobre erros típicos de análise, estar motivado e evitar situações de estresse que levem ao desgaste mental.

Dvoretsky (2002, 2003) explica que seu método assume como base, uma metodologia em que o foco são as análises individuais, a criatividade, a autonomia intelectual, as horas necessárias de estudo sem estresse, exercícios para melhorar a motivação e os exercícios individuais de concentração e meditação. Porém, este treinador deixa claro que o bom método é aquele que considera o nível de desenvolvimento e conhecimento de seu aluno. Essa perspectiva se aproxima muito de alguns estudos no campo da Psicologia, tal qual foi exposto nos resultados do estudo de De Groot (1946).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enfatiza-se que o objetivo do presente texto, “realizar um estudo comparativo, analisando as pesquisas concretizadas com o xadrez no âmbito da Psicologia e uma proximidade com metodologias de treinamento enxadrístico”, foi alcançado.

Ainda que haja escassez de estudos que investiguem as bases teóricas dos principais métodos de treinamento enxadrístico, este texto, dentro de suas limitações, permite constatar

que as pesquisas analisadas, no contexto da Psicologia, poderiam ter ajudado (ou talvez tenham auxiliado de alguma maneira) na construção de métodos de treinamento no xadrez. Analisamos que o legado destas pesquisas reside em dados que expõem as debilidades e habilidades necessárias de um enxadrista, as diferenças entre linhas teóricas de estratégia e tática, a importância da concentração, a capacidade de antecipação de jogadas e a capacidade de realizar cálculos de variantes.

Portanto, finda-se este texto alvitando que outros estudos são necessários para ampliar estas discussões a respeito das bases teóricas dos métodos de treinamento enxadrístico, buscando depreender, sobretudo, qual é a influência da Psicologia no âmbito do ensino e treinamento de Xadrez em diversos níveis.

NOTAS

1. Alfred Binet (1857-1911) foi um importante psicólogo francês. Contribuiu para a psicometria, sendo o inventor do primeiro teste de inteligência. Pesquisou também, a hipnose e seus efeitos. E orientou outros estudos na área do xadrez além do referido.
2. Xadrez às cegas: significa jogar xadrez de olhos vendados, recebendo como referência, a recitação da última jogada feita pelo seu adversário. Os enxadristas do final do século XIX, como Samuel Rosenthal, Nelson Pillsbury, Sigbert Tarrasch, são alguns dos grandes nomes do mundo do Xadrez que se aventuram em espetáculos com o Xadrez às Cegas.
3. Tradução para a língua portuguesa pelos três pesquisadores. Nossas conclusões a partir deste estudo de caso deve ser, ou ao menos parece para mim, que a habilidade enxadrística não é um índice de inteligência geral, que o raciocínio envolvido no jogo de xadrez é um raciocínio muito limitado, e que um considerável grau de habilidade de xadrez é possível para quem é deficiente em todas as outras linhas (CLEVELAND, 1907, p. 308)
4. Ciência Cognitiva ou Ciência da Cognição: designam um estudo científico sobre a mente e a inteligência. Seu objetivo é apreender a estrutura e o funcionamento da mente humana. Destarte, ela usa de uma variedade de abordagens, que partem do debate filosófico até a criação de modelos computacionais, perpassando pelo estudo da linguagem. Noam Chomsky, Howard Gardner e Daniel Dennett, são alguns dos mais importantes pesquisadores neste campo científico.
5. Um dos grandes exemplos reais, desses estudos aplicados ao contexto do treinamento enxadrístico de Dvoretsky são as irmãs Polgar, em Budapeste, Hungria. Elas estudavam, durante a infância e adolescência, o jogo de Xadrez em média de oito a dez horas por dia, tornando-se futuramente mestres enxadristas. Outro caso interessante é do jogador estadunidense Bobby Fischer, campeão mundial de Xadrez (1972 a 1975), que dedicava mais de oito horas por dia, estudando as linhas teóricas do Xadrez.

■ REFERÊNCIAS

6. BATISTA, G. P.; BORGES, J. C. **O Espírito da Abertura**. São Paulo: Ciência Moderna, 2004.
7. _____. **Mestres do Xadrez**. São Paulo: Universo dos Livros (edição digital), 2013.
8. BINET, A. **Psychologie des grands calculateurs et joueurs d'échecs**. Paris: Hachette, 1894.
9. CHASE, W. G.; SIMON, H. A. Perception in chess. **Cognitive Psychology**, v. 4, p. 55-81, 1973.
10. CLEVELAND, A. A. The psychology of chess and of learning to play it. **American Journal of Psychology**, v. 18, n. 3, p. 269-308, jul. 1907.
11. DE GROOT, A. **Thought and choice in chess**. 2. ed. New York: Mouton Publishers, 1978 (originalmente publicado em 1946 no formato tese).
12. DVORETSKY, M. **School of Chess Excellence** (5 vols.). Swiss: Editon Olms, 2002.
13. _____. **Endgame Manual**. USA: Russell Enterprises, 2003.
14. FILGUTH, R. (Org). **A importância do xadrez**. Porto Alegre: Artmed, 2007.
15. GRILLO, R. M. O Xadrez Pedagógico na Perspectiva da Resolução de Problemas em Matemática no Ensino Fundamental. **Dissertação (Mestrado em Educação)**. Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação. Itatiba, SP: Universidade São Francisco, 2012.
16. KASPAROV, G. **Aprenda jogar Xadrez com Garry Kasparov**. Rio de Janeiro: Ediouro, 1997.
17. KOTOV, A. **Think like a grandmaster**. London: Batsford, 1971.
18. _____. **Play like a grandmaster**. London: Batsford, 1978.
19. _____. **Train like a grandmaster**. London: Batsford, 1981.
20. KROGIUS, N. V. **La psicología en Ajedrez**. 3. Ed. Barcelona, 1976.
21. NIMZOWITSCH, A. **Meu sistema** [1925]. São Paulo: Solis, 2007.
22. PUCHKIN, V. N. **Heurística: a ciência do pensamento criador**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.
23. SHENK, D. **O Jogo Imortal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.
24. SILVA, W. Raciocínio lógico e o jogo de xadrez: em busca de relações. 428 f. **Tese (Doutorado em Educação)** – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2010.
25. SIMON, H. A.; BARENFIELD, M. Information-processing analysis of perceptual processes in problem solving. **Psychological Review**, v. 76, p. 473-483, 1969.
26. TIKHOMIROV, O. K.; POZNYANSKAYA, E. D. An investigation of visual search as a means of analyzing heuristics. **Soviet Psychology**, v. 5, n. 2, Hiver, 1966.